

As éticas espiritualistas de Cunha Seixas e Ferreira França

Prof. Bernardo Goytacazes de Araújo¹

(Universidade Castelo Branco – Rio de Janeiro - RJ – Brasil)

bernardogoyara@hotmail.com

Resumo: Cunha Seixas, ainda que educado dentro do catolicismo, insurgiu-se contra sua rígida ortodoxia, foi um importante filósofo português, criador do pantiteísmo, uma dissidência do krausismo (panenteísmo) cuja doutrina reconhece a presença de Deus em todos os lugares e em tudo. Entretanto, Cunha Seixas propõe que, apesar de Deus estar em tudo, Deus não se identifica com a coisa criada. Seixas estabeleceu uma forma de pensamento sistemática. Sendo assim, Deus é a fonte de toda a verdade, de todo o bem, de toda a beleza, de toda a ordem e harmonia, no universo. No pensamento de Eduardo Ferreira França percebe-se a forte influência do naturalista. Elaborou uma hipótese em que o homem, em suas atitudes interiores, é determinado pelas condições naturais em que vive, havendo uma correlação direta entre as características predominantes da alimentação e da salubridade do meio ambiente – e as civilizações que a humanidade chegara a construir. Na política percebe que a liberdade humana, não se deixa apreender pelas questões naturalistas. Em sua principal obra, as Investigações da Psicologia, estabelece o caminho para se chegar ao espiritualismo eclético, sem deixar de lado, as bases da ciência e seus métodos.

Palavras Chave: pantiteísmo; naturalismo; ecletismo e ética.

1. Considerações iniciais

Os pensamentos de Eduardo Ferreira França e de José Maria da Cunha Seixas se aproximam e criam as chamadas éticas espiritualistas do século XIX. Ambos concentram seus esforços para tentar entender a ação do homem no mundo, e percebem, cada um de sua forma, que estas ações, provém de uma inspiração metafísica: Deus. O conhecimento e minhas ações morais sobre o mundo variam conforme consigo entender esta posição de Deus no mundo, e a minha como pessoa, que existe e tem seu conjunto de circunstancialidades.

Sem dúvida, o primado do pensamento de Cunha Seixas e sua extensão não foram ainda explorados pela valorosa obra que deixou, nem pelos efusivos questionamentos que fez em seu tempo. Nota-se que o Pantiteísmo entra no *hall* de uma visão ética espiritualista que será marcante no pensamento Português, assim como na estrutura filosófica Ibero-Americana. Cunha Seixas procurou tornar claro que a respectiva matriz de seu pensamento era a intuição primordial de que Deus está em tudo. Mostra-nos ainda que, apesar de Deus estar em tudo e ser como centro de todas as coisas manifestas, estes eventos não o resumem, e não o aprisionam. Ao mesmo tempo em que percebemos sua ação, essa não é Deus.

¹ Especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea – UFJF
Especialista em Didática – Cambridge University – Reino Unido
Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero Americano - UFJF
Membro do Núcleo de Defesa – UFJF
MBA Gestão de Projetos – UGF – RJ

Segundo Antônio Braz Teixeira, para o pensamento pantiteísta, o ponto de partida do conhecimento era duplo: subjetivamente, seria o pensamento, enquanto, objetivamente, se encontraria na ideia de ser. Na verdade, sendo sempre o conhecimento um ato do espírito que pensa o respectivo ponto de partida não poderia ser o sentimento nem à vontade, que são apenas excitantes ou motores do conhecimento, mas o pensamento. Por outro lado, porque o conhecimento não pode deixar de partir de algo que seja imediato, possível, certo e intuitivamente evidente que lhe dê um mínimo de garantia, e porque tais atributos só se encontram nas ideias e leis da razão e nos axiomas que decorrem delas. Todo o conhecimento se funda, necessariamente, na crença no próprio espírito.

Ferreira França autor da célebre obra *Investigações de Psicologia*, foi um dos grandes nomes do ecletismo no século XIX. Ele procurou demonstrar a ação do espírito seguindo os rigorosos métodos do empirismo, preconizados até então pela moderna ciência. Quando consegue utilizar destes elementos e comprovar seus fatos tem como meta fugir do propósito de construir uma moral científica, que era uma das questões preconizadas pela vertente científica do naturalismo.

Os postulados criados pelo médico baiano representam um importante momento na história do pensamento brasileiro. Suas ações permitiram a incorporação da ciência, a manutenção da moral católica – fruto de um processo da contrarreforma – e o desenvolvimento de ideias liberais, que eram suas principais preocupações. Segundo Carvalho (1998), Ferreira França pode ser considerado um eclético, pois arrumou as condições para que a procura dos princípios pelos quais atuava a consciência, na busca de verdades, não prejudicasse a tese da liberdade frente a Deus (no que tange a ética), e diante do estado (no que concerne ao ponto político). Ainda sobre esta posição, Paim (2007) nos exalta que o posicionamento de França foi fundamentador do liberalismo político, integrando-o num sistema que se tinha por coerente.

2. O pensamento de Cunha Seixas

A atualidade do pensamento de José Maria de Cunha Seixas e sua completa imersão na inovação do pensamento português fazem deste autor do século XIX um dos maiores filósofos Ibéricos. Há uma originalidade em seu pensar que propõe, ao mesmo tempo, manter a crença em Deus e reformular o espiritualismo que se encontrava decadente naquele século. Rodolfo Pizzinga (1988) nos adverte sobre esta busca de Cunha Seixas:

Assim, eliminar a ideia de Deus equivale a eliminar a verdade, equivalendo, outrossim, a destruir a causa do mundo e o princípio ativo do Universo. Deus é o começo e o fim de tudo. Nas lucubrações

de Cunha Seixas pode-se sentir uma idéia permanente: antes de Deus, Deus; depois de Deus, Deus. Deus sempre, incriado. Transcendência. Dessa forma - e o próprio Cunha Seixas assim o confessa no Prólogo dos *Princípios Gerais de Filosofia* - seu intuito primordial foi reformular o espiritualismo decadente que vigia no século XIX, tentativa magistral de conjugação do método experimental com uma especulação teórico-ontológica, bem como propor uma nova síntese filosófica para as ciências (entre outras, matemática, física, química e mecânica). Assim, estimulado por um incomensurável amor a Deus, duas metas se impôs: ascensionar (pelo bem) a si e à humanidade, e extirpar o materialismo e outras formas de espiritualismo que se contrapunham ao Pantiteísmo².

2.1. Vida e Obra

“A existência de Deus como princípio é de evidência indemonstrável”³.

Em Portugal, no século XIX repleto de divergências ideológicas e, ao mesmo tempo, no resplendor de novos e profícuos pensamentos, nasce José Maria da Cunha Seixas, na vila de Trevões, em 26 de Março de 1836, ao norte da Beira Alta, próximo ao rio Douro. Ele é o terceiro filho de outro José Maria da Cunha Seixas, um lavrador de ricas posses⁴, e de Maria Antónia de Azevedo e Cunha, natural do Rio de Janeiro, Brasil.

A família dos Cunha Seixas partilhava de uma mentalidade nova, da pequena nobreza rural, cujas maneiras, costumes e pontos de vista eram normalmente seguidos por seus pares, e tinham atrás de si algumas gerações já libertas da necessidade de ganharem o pão, com trabalho braçal⁵. As posses da família permitiram a contratação de professores privados para a educação dos nove filhos do casal, suprimindo assim as limitações da localidade, já que só havia professores primários⁶.

O fervor religioso de Maria Antónia inclinou-a para que religiosos exercessem a função de professores dos filhos, tendo cabido a educação de José Maria ao padre Caetano Esteves de Matos.

2 PIZZINGA, Rodolfo Domenico. *A Doutrina Pantiteísta Segundo José Maria da Cunha Seixas*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, RJ (tese de doutorado defendida e aprovada em 12 de Julho de 1988).

3 SEIXAS, Cunha. *Galeria de Ciências Contemporâneas*. p. 224.

4 “Tudo indica que o pai do Filósofo vivia dos rendimentos, e que estes não deveriam ter na terra a principal origem, mas sim nos juros de capitais bem aplicados, como era então de uso entre os portugueses enriquecidos no Brasil, que regressavam à pátria, com prejuízo da economia do país. (...) Terá ele próprio feito fortuna do outro lado do Atlântico e aí conhecido a mulher com quem veio a se casar, que nasceu no Rio de Janeiro? Terá herdado? Terá enriquecido com o casamento? Fosse como fosse, o que interessa é que podemos concluir que José Maria Seixas não estava profissionalmente integrado no meio, e que gozava de uma independência e de um desafogo que lhe permitiu dedicar à Ilustração própria e à educação dos filhos o melhor de seu tempo.” SOVERAL, Eduardo Abranches de. *Pensamento Luso-Brasileiro – Estudos e Ensaios*. 1ed. Lisboa: Instituto Superior de Novas Profissões, 1996. p.184

5 *Ibidem*, p.183.

6 Notícia Biographica do Autor por Manuel António Ferreira-Deusdado, In: *Princípios Geraes de Philosophia*, por José Maria da Cunha Seixas, p. 31.

Em consequência teve uma educação dentro dos cânones do mais estrito catolicismo, sendo-lhe destinada uma carreira eclesiástica.

As diferenças ideológicas que então dividiam a sociedade portuguesa do século XIX eram difíceis de serem definidas pois eram complexas e sobrepostas entre si. Soveral (1996) ressalta que havia uma distinção entre: os legistimistas e não legitimistas; os tradicionalistas contra os progressistas; os cartistas contra os constitucionalistas; a Igreja contra a Maçonaria; os nacionalistas contra os Iberistas; os fideístas contra os livre-pensadores; os católicos contra os ateus e anti-clericais.

Entretanto, estes grandes debates não chegaram a afetar diretamente a vida dos Cunha Seixas, em sua propriedade. As intransigências partidárias e os conflitos que certamente ocorreram, não chegaram ao cotidiano da mentalidade coletiva, que respondia com seus hábitos, costumes, crenças e ações de forma conservadora. É de se presumir que a família dos Cunha Seixas propendesse para o conservantismo, já que não há notícia de discórdias na estirpe do Filósofo⁷.

A severidade com que eram educados os filhos dos Cunha Seixas agravou-se com a morte do pai. A mãe, viúva aos 35 anos, tomou a si a educação dos filhos e, temendo perder o controle sobre eles, acabou por isolá-los das outras crianças. Isso trouxe óbvias consequências para a personalidade em formação do jovem Cunha Seixas. Ferreira-Deusdado, que o conheceu intimamente, assim o retratou:

O José Maria da Cunha Seixas não foi nem poderia ser um político, porque lhe faltavam qualidades de adaptação; não poderia ser um dramaturgo, um romancista, porque na sua abstração não tinha o jeito da observação social. Era excêntrico, ingênuo de mais; muitas coisas não as via, a sua boa-fé quase infantil prejudicou-o muitas vezes e gravemente⁸.

Apesar de se ter matriculado no ano de 1858 nos cursos de teologia e filosofia da Universidade de Coimbra, aparentemente para ser eclesiástico, transferiu-se para a Faculdade de Direito daquela Universidade, onde se formou em 27 de Junho de 1864, aprovado *Nemine discrepante*, com honras de *accessit*, distinção que já obtivera nos três últimos anos do curso⁹.

7 SOVERAL, Eduardo Abranches de. *Pensamento Luso-Brasileiro – Estudos e Ensaios*. 1 ed. Lisboa: Instituto Superior de Novas Profissões, 1996. p.184.

8 Notícia Biographica do Autor por Manuel António Ferreira-Deusdado, In: *Princípios Geraes de Philosophia*, por José Maria da Cunha Seixas, p. 33.

9 PIZZINGA, Rodolfo Domenico. *A Doutrina Pantiteísta Segundo José Maria da Cunha Seixas*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, RJ (tese de doutorado defendida e aprovada em 12 de Julho de 1988).

Ainda estudante em Coimbra, iniciou-se como publicista, colaborando com artigos de crítica literária e de política em diversos periódicos, entre os quais *O Viriato* (Viseu), *Comércio de Portugal*, *Jornal de Lisboa*, *Académico de Coimbra*, *Comércio de Lisboa*, *Jornal do Comércio*, *Distrito de Beja* e muitos outros periódicos, em especial de Lisboa.

Terminado o curso, fixou-se em Lisboa, com banca de advogado e como professor de filosofia no Instituto de Ensino Livre de Lisboa. Manteve a sua intensa colaboração com periódicos diversos e fez-se sócio de diversas agremiações científicas, estabelecendo a sua reputação de intelectual.

Quando em 1878 vagou o lugar de professor de História Universal e Pátria do Curso Superior de Letras, Cunha Seixas apresentou-se a concurso com uma tese intitulada *Princípios Gerais de Filosofia da História*, na qual apresenta os traços fundamentais daquilo que viriam a ser as bases sistema pantiteísta. Foram opositores ao concurso Alberto Augusto de Almeida Pimentel, Manuel de Arriaga Brum da Silveira, Zófimo José Consiglieri Pedroso Gomes da Silva e José Maria da Cunha Seixas. Após Alberto Pimentel ter desistido os outros três concorrentes foram aprovados por unanimidade no mérito literário, sendo escolhido Consiglieri Pedroso, positivista e ex-aluno do Curso Superior de Letras, também por unanimidade¹⁰.

Perdida a oportunidade de galgar à docência universitária, dedicou-se ao ensino da escola como professor de filosofia e à produção de compêndios e livros didáticos. Deixou uma vasta obra filosófica, no essencial em torno do sistema pantiteísta, uma ruptura original com o krausismo cuja matriz era a intuição primordial de que Deus está em tudo, como centro de todas as coisas e nelas manifestado.

A falta de ligação ao mundo acadêmico levou que sua obra passasse quase ao esquecimento, embora seja periodicamente revisitada por acadêmicos e investigadores da história do pensamento português. Morre, aos 59 anos, em 1895, em Lisboa.

2.2. A ética espiritualista e o pantiteísmo

10 Como destaca Soveral (1996), apresentar uma Tese a uma Escola e a uma Banca militantemente positivistas, cujo conteúdo frontalmente se opunha ao seu ideário, foi, ao mesmo tempo e paralelamente, um ato de coragem e de falta de sagacidade. Frontalidade e desassombro têm seu preço. E Cunha Seixas pagou caro essa ousadia filosófica. Na verdade pagou até a morte. A epidemia positivista que assolava Portugal não se restringiu apenas ao Filósofo Pantiteísta. Promoveu outras degolas *senso lato* e *senso estrito*. Qualquer representação metafísica estava destinada ao calabouço. E o que eram os *Princípios Gerais de Filosofia da História*? Nada menos do que uma filosofia espiritualista da história distribuída e bem estruturada por oito capítulos consecutivos muito bem escritos. O fato saliente é que Cunha Seixas percorreu o calvário de todo filósofo duro e puro: preconceito, esquecimento, exclusão, malquerença e incompreensão! (PIZZINGA, Rodolfo Domenico. *A Doutrina Pantiteísta Segundo José Maria da Cunha Seixas*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho (tese de doutorado defendida e aprovada em 12 de Julho de 1988).

Desdobra-se este entendimento nos diversos aspectos pelo qual Cunha Seixas perpassou para alcançar a ideia do pantiteísmo, ao mesmo tempo, todo o conjunto de influências que o trevoense obteve, para refazer uma análise da sistemática filosófica, assim como elencar um novo postulado para a questão da metodologia científica.

2.2.1. Seu contexto de pensamento

“Qualquer texto, antes de ser analisado, deve antes ser compreendido, ou seja, todo texto é contextual por natureza”¹¹. O contexto de Cunha Seixas é de fundamental importância para se entender a sua linha de pensamento. Ele é contemporâneo de um seleto grupo de pensadores portugueses tais como: Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846), Pedro Amorim Vianna (1822-1901), Antero de Quental (1842-1891), Oliveira Martins (1845-1894) e Domingos Tarrozo (1860-1933).

Analisar sua obra é tentar entender aquilo que ficou de evidente no seu pensamento: a intuição primordial de que Deus está em tudo, como centro de todas as coisas e nelas manifesto.

Soveral (1996) destaca em sua obra, de forma bastante elucidativa e resumitiva, aquilo que viria a ser o grande objetivo de sua obra e missão:

Em Cunha Seixas, o objetivo último da obra e o sentido da missão (...) estão contidos no prólogo de seu livro *Princípios Gerais de Filosofia*, quando se refere a: reformar o espiritualismo; propor uma nova metodologia para as ciências (em que o método experimental se conjuga com as especulações teórico-ontológicas); proceder a uma síntese dos fundamentos filosóficos de cada uma das ciências, dando assim corpo a um novo sistema (*O Pantiteísmo*), que no momento histórico em que foi formulado, daria a mais completa e perfeita resposta aos problemas que se levantam à razão humana, embora estivesse constitutivamente aberto, o seu ver, ao progresso do conhecimento científico, e sujeito por isso, a sucessivos aperfeiçoamentos e reelaborações¹².

Assim sendo, sua grande busca foi formular uma nova forma, um novo caminho, para se entender aquilo que estava sendo proposto pelas ciências, conjugando teoria e prática. Ressalta-se aqui que no século XVII a Inglaterra havia passado pelo processo inicial da Revolução Científica, trazendo expoentes como Newton para o campo da Física e dos cálculos. Novas descobertas eram feitas e o *know-how* produtivo se altera por completo. Teoria e prática se conjugam de uma nova

11 SOVERAL, Eduardo Abranches de. *Pensamento Luso-Brasileiro – Estudos e Ensaios*. 1 ed. Lisboa: Instituto Superior de Novas Profissões, 1996. p. 186.

12 *Ibidem*. p.186.

forma, não mais pelo limite do Teocentrismo, ou dos limites impostos por Deus à visão humana. Mas o próprio humano busca nas suas limitações, caminhos novos para vencê-la, e com isso altera sua forma de viver, de produzir, de suprir suas necessidades e de pensar. Cunha Seixas atualiza esta temática em Portugal, no século XIX, discutindo a necessidade de um novo método e de uma nova visão histórica do contexto em que vivia. A razão humana é sagaz e busca cada vez mais o limite do conhecimento. Entretanto, este mesmo conhecimento que nos inunda e nos faz perceber um mundo novo a nossa volta, esbarra em parâmetros éticos, estéticos, científicos... Há uma cadeia de pensamento que necessita ser questionada e sua teleologia. Busca-se o quê, por que, e de que forma?

Outras formas de entendimento e de composições ecléticas ajudaram Cunha Seixas a chegar ao pantiteísmo. Soveral (1996) nos chama atenção, quando o autor recorre ao ecletismo, muito forte então no Brasil e em Portugal, e que consistia em fazer uma análise comparativa e crítica das correntes filosóficas mais presentes para, demonstrando seus erros, delas colher só o que parecia verdadeiro e deveria ser sistematicamente integrado.

2.2.2. A influência do Krausismo

Outro elemento importante e uma das mais fortes influências recebidas pelo autor foi a de Krause. Karl Christian Friedrich Krause (1781-1832) foi um pensador alemão, neo-kantiano, que teve seu pensamento não tão influente na Alemanha, mas sim na Bélgica e de lá se espalhou pela península Ibérica e chegou à América.

Krause pretendia levar seu pensamento a uma verdadeira continuação do pensamento Kantiano. Em sua opinião Fichte, Schelling e Hegel fizeram uma interpretação errada do pensamento de Kant.

Para Krause, Deus era conhecido intuitivamente por nossa consciência. Ele não é uma personalidade, mas uma essência que, em si, contém o próprio universo. Uma importante contribuição de Krause é de que *o universo está em Deus*, considerando o entendimento de mundo, e sua própria aceção como *tudo está em Deus*. Ou seja, Krause defende um panenteísmo – *tudo está em Deus* – mas que o mundo, apesar de constituído por infinitos relativos, é por Ele ultrapassado na sua infinita grandeza e perfeição¹³. A doutrina de Krause vai muito além do que entendemos por panteísmo, porque ele adequa e faz coincidir o mundo, com Deus. Cunha Seixas irá inverter a posição panenteísta dizendo que *Deus está em tudo*. O Filósofo trevoense cria então, na

13 *Ibidem*. p.199

sua forma de entendimento, e aproveitando os elementos compostos que julga essencial, a doutrina Pantiteísta.

Há uma grande correlação da forma como Krause entende o Direito correlacionando-o ao pensamento Kantiano, principalmente no que tange a questão dos Direitos Humanos. Soveral (1996) aponta que o krausismo apresenta muitas perspectivas com o domínio do Direito Kantiano. Kant entendia que o pacto instituidor da sociedade política só dera origem ao direito público. O direito privado já existia no estado natural da convivência humana e visava à ordem supranacional do futuro, sob a forma do que chamou de direito cosmopolita¹⁴.

Cunha Seixas vislumbrou ainda mais o pensamento de Krause, alargando-o a todo âmbito do pensamento filosófico, e não aceitando influências do pensamento de Proudhon, já que Krause havia feito certas correlações com esse autor. (Amorim Viana, também em seus escritos, rejeita certa forma do pensamento de Proudhon.) Talvez por este motivo, Cunha Seixas tenha sido isolado do contexto acadêmico português, uma vez que seu pensamento possa ter sido considerado retrógrado por ter defendido, de forma um tanto quanto intransigente, uma metafísica teísta.

Neste contexto de reformulação, Cunha Seixas aponta para dois grandes objetivos em sua obra: praticar o Bem, movendo-se por seu amor à Humanidade e a Deus, tentando prover meios racionais e fundamentados para que esta ação pudesse ser entendida por seus pares. Já o segundo propósito objetivado é a tentativa de liquidar com o materialismo e com outras formas de espiritualismo, que não o pantiteísmo. Nesta última parte, suas ações falharam.

2.2.3. Deus está em tudo

Cunha Seixas buscará de forma concisa demonstrar a presença de Deus, nas coisas, de uma forma nova, não panteísta, mas pantiteísta.

O panteísmo quer fazer Deus-tudo, e Deus-todo; o pantiteísmo vê Deus em tudo e assim fica arredado do panteísmo e mais próximo da dualidade cristã, que reconhece Deus como distinto de tudo. Por isso é que este sistema não é panteísta (...) sem, todavia declarar resolvido o problema da criação que cremos ser uma incógnita¹⁵.

Há uma grande permanência do cristianismo, em sua visão de mundo e de poder entender como suas construções foram edificadas neste pilar. Segundo Soveral (1996), uma das ideias mais prestigiadas de seu tempo lhe bloqueou o caminho para verificação de que, afinal, o criacionismo

14 No artigo sobre “O Mal radical na natureza humana e o Estado cosmopolita”, ARAUJO, Bernardo G. & PEREIRA, Regina Coeli B., tratam sobre a necessidade de haver um controle pelo Estado, da ação do indivíduo, justamente para que ocorra a garantia da liberdade. Entretanto, a função da lei deve ser constantemente atualizada pelo Estado, ou pelo menos a aplicação da mesma, para que as novas exigências que o mesmo pressupõe, sejam supridas e dirimidas.

15 SEIXAS, Cunha. *O Pantiteísmo na Arte* (Prólogo), p.25.

tem um fundamento e uma fecundidade filosófica muito maior do que o imanetismo. Ele buscará fazer uma grande aproximação do imanetismo com o criacionismo. “Nem a força, nem as leis universais são Deus vivos, mas são suas manifestações, a forma da criação da natureza”¹⁶.

A obra de Cunha Seixas e seu questionamento, principalmente, sobre a questão do método científico, deixam-nos um legado muito interessante para a forma com a qual pensamos a estrutura do conhecimento. Buscamos um conhecimento de algo que foi “feito” por Deus, mas, ao tentarmos entender o como as coisas ocorrem, deparamo-nos não com este Deus, mas com as interfaces da sua ação. “Estas exposições mostram ainda que é no sistema pantiteista que se realiza, por vastíssima síntese, o ideal da ciência humana, cumprindo-se assim neste sistema o mais agigantado plano a que se pode aspirar a filosofia atualmente”¹⁷. Ou seja, o autor tem a nítida impressão de que há uma enorme necessidade, não só das ciências, mas de todo o sistema filosófico, de estar aberto ao ditames do progresso. Por isso, seu pantiteísmo deveria ser aprimorado e nunca ignorado, pois as nuances da criação ocorreriam, mas nunca se mudaria o criador de todas elas.

3. O pensamento de Eduardo Ferreira França

O estimado médico, Eduardo Ferreira França, nasceu em Salvador, a 8 de junho de 1809. Foi mandado educar-se na França, tendo permanecido em Paris dos 15 aos 25 anos¹⁸. Em Paris, concluiu humanidades e obteve o grau de doutor em medicina a 1º de agosto de 1834 na Faculdade de Medicina de Paris. Sua tese de doutoramento versou sobre: *Essai sur l'influence des aliments et des boissons sur le moral de l'homme*¹⁹. Era médico particular de Dom Pedro I e tinha um prestígio ilibado na corte.

Ferreira França recebeu em Paris uma forte influência do naturalismo, via rigorosa formação que obteve na mesma disciplina. Defende a hipótese de que o homem em seu conjunto é determinado pelas condições naturais em que vive, fazendo uma correlação entre as características primordiais e preponderantes da alimentação, assim como da salubridade do meio ambiente em que as pessoas vivem, comparando assim as civilizações que a humanidade chegara a construir ao longo de sua existência.

De regresso à Bahia tornou-se professor da Faculdade de Medicina tendo chegado a catedrático. Sendo de tradicional família política, acabaria ingressado nessa atividade, em 1842, aos 33 anos de idade.

16 _____. *Princípios Gerais de Filosofia*, Ed. Integral, p.1063.

17 *Ibidem*. p.1062

18 Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro - <http://www.cdpb.org.br/>, em 19/08/11.

19 Ensaio sobre a influência dos alimentos e das bebidas sobre a moral dos homens. Bahia, 1851.

Foi deputado provincial e federal, sendo na Câmara dos Deputados a partir de 1848, permanecendo até 1851. Ao ser reeleito, não tomou posse do cargo, pois sabia de sua enfermidade e da necessidade de buscar tratamento fora do Brasil. Sua moral era ilibada e todos elogiavam seus préstimos e ações como deputado²⁰. Segundo Paim (1997), na condição de deputado, foi incumbido de importantes missões pelo Partido Liberal, a que pertencia. No embate político iria dar-se conta de que a liberdade humana, ao contrário das convicções adquiridas em Paris, não se deixava apreender pelo naturalismo.

Sua obra fundamental, as *Investigações de Psicologia* (1854)²¹, resume o caminho que seguiu, sem renegar a ciência ou a experimentação, para aderir ao espiritualismo eclético. Tornar-se-ia o mais destacado representante do primeiro ciclo da Escola Eclética. Faleceu a 11 de março de 1857 em viagem à Europa para onde se deslocava na esperança de encontrar tratamento para grave enfermidade que o acometera. Tinha então 47 anos e seu corpo foi lançado nas águas do Oceano Atlântico.

3.1. A corrente Eclética

A corrente eclética representa o primeiro grande movimento filosófico plenamente estruturado no Brasil. Segundo Paim (2007), suas ideias penetraram fundo em amplos setores da elite nacional e chegaram a se tornar o suporte último da consciência conservadora em formação.

3.1.1. A corrente de Victor Cousin

Quando buscamos as bases do ecletismo²², vimos que foi um movimento filosófico francês, fundado por Victor Cousin. Este pensamento se tornou a filosofia oficial das universidades francesas nas décadas de trinta e quarenta do século XIX. Esse movimento tenta combinar o pensamento racionalista de Descartes, com o criticismo Kant, além da construção moral, tendo

20 “Espírito brilhante, desde os tempos acadêmicos, professor de reconhecida cultura médica e filosófica, político de méritos reais, foi ainda o Dr. Ferreira França um parlamentar de escol. Era filho do eminente Professor Antônio Ferreira França, e irmão do Professor Antônio Ferreira França Filho, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro” (SÁ OLIVEIRA, Eduardo. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina, Concernente ao ano de 1942*. Salvador, 1992).

21 “Em 1854, publicou “*Investigações de Psicologia*”, o mais antigo livro de psicologia das Américas. Escrito e publicado em Salvador, constitui uma preciosidade histórica: obra em dois volumes, com 428 páginas de texto, foi editado vinte e nove anos antes de Willelm Wundt instalar seu laboratório em Leipzig (Alemanha) e trinta e seis anos antes de Willian James publicar seu famoso livro sobre o hábito, as funções do cérebro, a corrente do pensamento, a percepção do tempo, do espaço e da realidade.” –Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro / Médicos Ilustres da Bahia.

22 “O objetivo desta filosofia é, segundo o seu autor, discernir entre o verdadeiro e o falso nas diversas doutrinas e, após um processo de depuração e separação através da análise e da dialética, reuni-las num todo legítimo, com vista à obtenção de uma doutrina melhor e mais vasta”.(Dicionário Prático de Filosofia).

como ponto de partida um elemento de racionalidade e não mais de fé. O imperativo categórico kantiano cumpre esta função, e abre uma nova perspectiva para o entendimento ético.

Assim, o ecletismo procura reunir o que considerava as grandes correntes filosóficas que influíam em seu tempo. Cousin foi o político da filosofia que buscava entender que:

esta filosofia (o espiritualismo) é aliada natural de todas as boas causas. Acalenta o espírito religioso; estimula a arte verdadeira, a poesia digna deste nome, a grande literatura; é o apoio do direito; recusa tanto a demagogia como a tirania; ensina a todos os homens a respeitar-se e amar-se, e conduz pouco a pouco as sociedades humanas à verdadeira república, este sonho de todas as almas generosas que, em nossos dias, na Europa, somente a monarquia constitucional pode realizar²³.

Entretanto, a forma como este ecletismo aqui se manifesta, não é uma simples cópia deste sistema de Cousin, mas uma forma nova em que se pretende reunir pensamento e análises da realidade nacional, elencando a filosofia para que não se chocasse com a religião, mas que talvez estivesse ao seu lado, ou se posicionando de forma independente. A intelectualidade brasileira, em muitos aspectos, foi buscar no ecletismo de Cousin a forma para tentar entender e dirimir os problemas da nação.

Outro ponto importante destas práticas, salientado por Paim (2007), é que este sistema aqui adotado valoriza a ciência num meio em que não havia condições para realizá-la; adoção dos princípios do liberalismo econômico, quando as atividades produtivas eram realizadas por escravos; dispunha-se a praticar o liberalismo político, enquanto se buscava a unidade nacional via monarquia; empenhava-se em dotar o país de modernas instituições que pudessem de fato nos levar ao desenvolvimento. Contrasta-se assim, a visão deste grupo e sua pertinência frente aos atrasos oligárquicos que o país passava.

O Brasil era uma nação escravista, de monocultura, dominada por uma oligarquia cafeeira, dominada por uma questão política diversa, que foi a monarquia constitucional e com a adoção do poder moderador, além das viciadas instituições que modelavam nosso império²⁴.

23 COUSIN, Victor. *Du vrai, Du beau et Du bien*. 1853.

24 Vale ressaltar que no Brasil, logo após a proclamação da república, em 1889, o Marechal Deodoro da Fonseca, além de exilar a família real, renovou todas as instituições da antiga monarquia, instituindo o novo conjunto de instituições da nova República. Muitas até tinham o mesmo nome, ou até mesmo a função, mas foram reeditadas e remodeladas nos moldes republicanos, para que nenhum ranço fosse deixado, para se ter certeza de que o pensamento monárquico havia ficado no passado. Entretanto, o que o Marechal não vislumbrou, é que a elite agrário-cafeeira, tomou o lugar das antigas instituições. Trocamos um vício pelo outro. E o continuísmo, no que tange ao favorecimento econômico e político, continuou nas mãos desta mesma oligarquia por muitos anos, pois os sucessores de Deodoro e Floriano estavam diretamente ligados aos regimes agrários brasileiros. – Nota do autor.

Do pensamento de Cousin, saem três grandes vertentes, muito influenciadas pelos períodos e pela maturidade do filósofo. Estas três grandes referências: 1) o ecletismo como método (historicismo), 2) o método psicológico, elevado à condição de fundamento último da filosofia; 3) o espiritualismo²⁵.

O historicismo da obra de Victor Cousin parece ter influenciado sobremaneira o pensamento de Antônio Pedro de Figueiredo. Já a vertente do método psicológico foi a grande base de estruturação do pensamento de Eduardo Ferreira França. Este procurou desenvolver também em seus estudos, a solução empirista relacionada à questão da liberdade, ensejada por Maine de Biran²⁶.

3.1.2. A influência de Maine de Biran

Este pensador francês proporcionou um grande suporte ao apoiar-se em observações e nas fundamentações empiristas, abrindo caminho para que a Psicologia possa ser vista como ciência autônoma, assim como atribuía a Cousin a possibilidade de vincular seu sistema ao pensamento moderno, que a intelectualidade patricia queria conhecer e assimilar. Biran, em grande parte de sua meditação, dedicou-se a fundamentação da Psicologia acreditando ter encontrado uma base de sustentação sólida e, ao mesmo tempo, experimental, para fundar uma teoria do conhecimento que fosse capaz de estabelecer a desejada conciliação entre racionalismo e empirismo. A experiência externa se completava com a experiência interna, guardando, assim, a propriedade do método empirista e concomitantemente, a integridade do meu eu.

Quando foi incorporada ao ecletismo de Victor Cousin, Paim (2007) afirma que a psicologia de Maine de Biran perdeu aquele sentido de busca e inquirição. Assim, os pensadores brasileiros que receberam esta corrente não tiveram como aprofundar tais reflexões, uma vez que não viveram as condições daquele clima espiritual em que se dera a meditação de Biran. Entretanto, o aspecto que se ressalta, nesta reflexão, era a possibilidade de superação da antítese permeada pela Escolástica Patrícia entre a ciência moderna e o cristianismo.

25 PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. 5 Ed. Londrina: EDUEL, p.379.

26 “Ainda que empenhado em encontrar um termo médio, capaz de superar os exageros tanto do racionalismo, quanto do sensualismo, preservando de ambas aquelas conquistas irreversíveis, Maine de Biran conserva de seus primeiros mestres aversão pelas teorias das idéias inatas. Aceita o princípio empirista que todo conhecimento tem origem num fato positivo, cuja natureza e caráter se possa estabelecer sem sombra de dúvidas. (...) Persiste a questão de saber de onde vem a nossa consciência e como o eu adquire o sentimento de sua própria realidade. (...) Maine de Biran, além de estabelecer uma nítida separação entre a vida animal e aquela propriamente humana, distingue o que denominava de vida no espírito. A primeira constituirá o objeto próprio da fisiologia, enquanto a ciência da vida humana era a psicologia.” Idem. p.390.

3.1.3. A descoberta, por Ferreira França, do espiritualismo francês

Ferreira França, quando foi para Paris e concluiu seu Doutorado, estabeleceu em sua tese a influência da bebida e da alimentação sobre a moral dos homens. Entretanto, descobriu o espiritualismo francês quando já estava no Brasil. Relata em seu livro, as angústias e reflexões da época em que começou a perceber a realidade de uma forma diferente, não mais atrelando ao materialismo as questões principais da existência humana, muito menos um possível determinismo que este poderia vir a causar nas pessoas:

(...) Materialista, encontrava em mim um vazio, andava inquieto aflito até: comecei então a refletir e minhas reflexões me fizeram duvidar de muitas coisas que tinha como verdades demonstradas e, pouco a pouco, fui reconhecendo que não éramos só matéria, mas que éramos principalmente uma coisa diferente dela. Procurava nas minhas reflexões examinar o que eu era na realidade, observava que muitos fenômenos não eram explicáveis pela única existência da matéria; (...) fui examinando as minhas opiniões (...), e tornando aos estudos dos filósofos, fui lendo aqueles que ao princípio me haviam desgostado e encontrei um prazer indefinível, e o profundo Maine de Biran contribuiu, especialmente, para esclarecer a minha inteligência²⁷.

Assim sendo, percebe-se que, apesar do ecletismo de Cousin ter servido de base para o pensamento da elite brasileira, este não se deu de forma harmônica e homogênea. Há, nas décadas de trinta e meados da de quarenta, do século XIX, uma grande influência do ecletismo sob a forma do método psicológico. Isso, conforme salienta Paim (2007), permitiu que o rompimento com a tradição escolástica para incorporar a ciência – plataforma lançada tardiamente em nossa cultura, na segunda metade do século XVIII²⁸, pela elite pombalina – não resultasse o abandono do espiritualismo.

27 FRANÇA, Eduardo F. *Investigação de Psicologia, I tomo*. Bahia, Tipografia E. Pedroza, 1854, pág VII, em PAIN, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. 5 ed. Londrina: EDUEL, p.385.

28 Ressalta-se que Portugal foi vanguardista no processo de iniciação das inovações técnicas e tecnológicas da Modernidade, com as expansões ultramarinas, as grandes escolas de navegação e de construção de caravelas, o primeiro grande processo de globalização envolvendo Europa, América e África, o comércio mundial, no Mercantilismo... Entretanto, nos move a questão de como o processo de inovação proposto no desencadeamento da Modernidade não está mais em Portugal, seja no que tange a questão religiosa com a Reforma – que na península Ibérica, chega sob a forma da Contra-Reforma, seja na questão de inovação científica foram tardios na península. O que chega para nós, de forma concreta e plenamente ativa, é a resposta moral da “Reforma Católica”, em Portugal. Esta sim, trouxe ainda mais, uma postura arraigada a costumes e valores, da resposta católica aos eventos que ocorriam na Europa, pós Reforma, no séc. XVI. Na Inglaterra é possível verificar todas as condições de possibilidade para o advento da Revolução Industrial, já que havia tomado um conjunto de medidas, inclusive o financiamento da Revolução Científica do século XVII. Na esteira desta vem a França, completando a I onda da Revolução Industrial. A posteriori, a Alemanha se reestrutura e na segunda metade do século XIX, está se unificando e implementando a II onda da Revolução Industrial. Nota do autor.

Ferreira França tem uma enorme preocupação em buscar os fundamentos de sua obra. A importância de Biran não ter refutado o empirismo, mas dado a ele uma adequação que o permitisse ser ainda mais coerente, levando assim a Psicologia pelo caminho da ciência Moderna, foi de fundamental importância para o livro de França.

Em *Investigações de Psicologia*, o autor baiano procura evidenciar que dentro dos padrões de investigação rigorosa da metodologia científica moderna, é possível deixar de lado os extremismos do próprio empirismo, principalmente naquilo que se combate sobre o espírito. Assim, era possível comprovar a existência do espírito e mais ainda permitir um aprofundamento do naturalismo e não um afastamento.

Assim o espiritualismo resultaria do conseqüente aprofundamento da perspectiva naturalista e não de seu abandono. No entendimento do autor, o livro contém reflexões sobre psicologia experimental, sendo propósito seu que não chegou a concretizar, dedicar outro ensaio sobre o que chamou de psicologia racional. (...) A exposição seguirá estilo científico, sobretudo no que respeita à mobilização de experimentos e de observações²⁹.

Dentre seus aprofundamentos, que nos darão as bases para análises sobre a importância da localização externa do indivíduo, Paim (2007) ressalta que no livro, *Investigações de Psicologia*, terão como ordem: 1) a teorias da percepção; 2) o estudo dos instintos e 3) a análise da vontade – afirmando que a percepção da localização externa das sensações repousa na localização interna, ‘instintiva e primitiva’, que nos dá o conhecimento ‘vago e indeterminado’ do nosso próprio corpo. Sem essa base não haveria a interveniência da vontade, que confirma de modo acabado aquele conhecimento. Do mesmo modo, o trânsito para a moralidade não com a ignorância dessa base instintiva e biologia dos seres humanos. Ele estabelece como ponto de partida do processo perceptivo o que denomina de sentimento fundamental, espécie de estado de humor resultante de conjunto de impressões sensitivas internas.

Ferreira França entendeu existir entre as experiências internas e externas uma inseparável ligação. Ele define o sentimento fundamental como um conjunto de experiências interiores, como as necessidades básicas da existência humana, ou seja, todo o grupo de movimentos e necessidades internas do organismo humano que atuam sobre nossa consciência. Sendo assim, não consigo desempenhar ou desenvolver nada, caso não satisfaça estas necessidades prementes. Segundo Carvalho (1998), o conjunto das sensações simultâneas forma uma ambiência interior que influi na

29 PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. 5 ed. Londrina: EDUEL, p.398

percepção dos dados advindos do meio externo, embora ordinariamente não sejamos conscientes dela. “De ordinário, asseverou, estas impressões espontâneas ou vitais ficam estranhas à consciência, e, quando se manifestam a ela, é quase sempre obscuramente!”³⁰.

Há uma diferenciação preponderante em relação ao empirismo clássico, pois para este, o conhecimento de fato se constitui a partir dos estímulos provenientes do meio externo. Já para o douto médico baiano:

(...) existe uma base interior, que, sem ser emocional, livre ou dinâmica, influencia na percepção exterior e na formação das idéias. Essa base condiciona o que se capta através da sensibilidade e atende ao empenho metodológico do espiritualismo, não há como simplesmente transpor de fora para dentro o que lá se passa. Pessoas diferentes submetidas às mesmas experiências podem formar percepções diversas dos acontecimentos, podem se posicionar distintamente com relação aos fatos. Isso ocorre porque os objetos dados à consciência encontram realidades diferentes, que de algum modo influenciam na forma como são capturados. Já existe aí uma compreensão de que o que somos, o nosso estado de momento, influencia no modo como entendemos os fatos e o mundo³¹.

Há uma afirmação, no pensamento de França, que foge ao modelo no neo-kantismo, em que se preconizava que o eu é um sujeito com possibilidades limitadas³². Ele vai afirmar que o

conhecimento de um fenômeno produzido por uma causa que não observamos, tem duração e é uma substância que não vemos, estes conhecimentos não derivam da observação, que nos mostra o fenômeno e o corpo, mas não nos mostra a causa, o espaço, o tempo e a substância³³.

Afirma também que adquirimos outros conhecimentos além dos que nos são dados pela consciência, os órgãos sensoriais ou a ação da vontade. Preconiza um tipo de saber que não tem origem específica na experiência. Tais conhecimentos nos seriam dados pela Razão, que também denomina de razão *a priori*, razão intuitiva e percepção do absoluto. Ele chega a ideia de Deus e da sua existência. O que Kant denominou de ideal da Razão Pura, Eduardo chamou de Faculdade da fé³⁴, “faculdade intelectual de conhecer por meio da observação de outrem o que não conhecemos

30 FRANÇA, Eduardo F. *Investigações de Psicologia*. 2t., 2 ed. SP: EDUSP, 1973, p.103.

31 CARVALHO, José Maurício de. *Contribuição Contemporânea à História da Filosofia Brasileira. Balanços e Perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998. p.51.

32 *Ibidem*. p.53.

33 FRANÇA, Eduardo F. *Investigações de Psicologia*. 2t., 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1973, p.80.

34 “Existe em nós uma faculdade, a fé, pela qual aceitamos os conhecimentos adquiridos pela observação de outrem. Confiamos mais ou menos nesses conhecimentos, conforme o crédito que merece quem no-lo transmite.” (Idem. volume II, p.276).

ou não podemos conhecer diretamente e por nós mesmos”³⁵. Esta faculdade desempenha em nós a capacidade de lapidarmos, de elevarmos o nosso pensamento ao amadurecimento das experiências interiores que possamos ter acerca de Deus.

Assim sendo, o reconhecimento da existência do espírito, a autoconsciência do eu, como elementos constitutivos da minha capacidade de entendimento-cognição, não limitava o entendimento do real a uma simples questão do espírito.

A sequência dos tempos permitiu-nos avaliar o enorme progresso deixado pelo espiritualismo eclético.

Ao caracterizar como fato primitivo da consciência ao esforço voluntário – decorrente da iniciativa do sujeito, sem que haja sido instado por estímulos extremos – e assim se apreender como causa e liberdade, o espiritualismo punha um argumento que se considerava pleno às exigências da observação científica”³⁶.

3.2. A questão política em Ferreira França

Ferreira França vai também galgar os umbrais da política. Toma uma posição de destaque no Partido Liberal e torna-se um importante deputado. Sendo de tradicional família política, acabaria ingressado nessa atividade, em 1842, aos 33 anos de idade. Foi sucessivamente deputado provincial e federal (na Câmara dos Deputados a partir de 1848). Nessa última condição, foi incumbido de importantes missões pelo Partido Liberal, a que pertencia. No embate político iria dar-se conta de que a liberdade humana, ao contrário das convicções adquiridas em Paris, não se deixava apreender pelo naturalismo³⁷.

No caminho político Ferreira França percebe que as leis e as constituições não são feitas, pensadas e elaboradas em favor das pessoas e dos povos. Entretanto, o que é feito é uma garantia para que a liberdade exista e seja praticada. Que ela possa ocorrer e ser vivida pelas pessoas. Por isso, o exercício do poder é sempre muito forte contra o indivíduo, pois sua postura pessoal não pode se sobrepor à existência da liberdade e da forma como esta necessita ser vivida na sociedade. Assim, os direitos individuais serão sempre sobrepostos aos direitos coletivos. A coletividade busca pelo bem de todos e com isso, caberá também à minha pessoa a vivência deste bem. Por isso, a liberdade humana não se deixa apreender pelas questões naturalistas. Ela é construída e edificada dentro de um contexto cultural, simbólico e de significação para aquele grupo, e com isso, seus partícipes, dela irão corroborar.

35 PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. 5 ed. Londrina: EDUEL, p.405.

36 *Ibidem*. p.397.

37 Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro.

4. Referências:

AUGUSTO, Paulo. Eduardo Ferreira França. In : *Preciso de história da filosofia*. Rio de Janeiro: Tipografia, 1938. p. 245-246.

ARAÚJO, Bernardo G. & PEREIRA, Regina Coeli. *O Mal radical na natureza humana e o Estado cosmopolita*. www.ecsbdefesa.com.br

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. v. 2. p. 247-248.

CALMON, Pedro. *História da literatura Baiana*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p. 122 e seguintes.

CARVALHO, José Maurício de. *Contribuição Contemporânea à História da Filosofia Brasileira. Balanços e Perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998.

CASTRO, Dinorah D' Araújo Berbert de. Exames preparatórios de filosofia dos acadêmicos de medicina : Bahia (1833-1853). In : *Atas da III Semana Internacional de Filosofia*. Salvador, 17 a 22 de julho de 1976. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, 1977. v. 2, p. 757-787.

Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro – <http://www.cdpb.org.br/>

COSTA, João Cruz. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. p. 98-101.

_____. *Panorama da História da Filosofia no Brasil*. São Paulo: Cultrix, 1960. (Coleção Letras Brasileiras).

_____. *Panorama of the History of Philosophy in Brazil*. Tradução Fred G. Sturm. Washington : Pan American Union, 1962. (Pensamiento de America).

COUSIN, Victor. *Du vrai, Du beau et Du bien*. 1853

DEUSDADO, Manuel António Ferreira. Notícia Biographica do Autor por Deusdado, In: *Princípios Geraes de Philosophia*, por José Maria da Cunha Seixas.

DINIZ, Almachio. Eduardo França : o espiritualismo brasileiro. *Bahia Ilustrada*, Salvador, v.2, n. 11, out. 1918.

FARIA, Antonio Januário de. Apontamentos biográficos sobre os Drs. Malaquias Álvares dos Santos e Eduardo Ferreira França; discurso biográfico recitado na sessão Magna de 3 de maio de 1857. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia*, Salvador, v.1, n.1, p. 121-126, 1894.

FEDER, Ernesto. Elogio do café perante a Sorbone. DCN - *Revista do Departamento do Café*, Rio

de Janeiro, p. 400-402, set. 1943.

FRANÇA, Eduardo F. *Essai sur l' influence des aliments et des boissons sur le moral de l'homme*. Paris: Imprimerie de Didot le Jeune, imprimeur de la Faculté de Médecine, 1834. 43p. (Thèse présentée et soutenue à la Faculté de Médecine de Paris, le 1^{er} août de 1834 pour obtenir le grade de docteur en médecine).

_____. *Ensaio sobre a influência dos alimentos e das bebidas sobre a moral dos homens*. Bahia, 1851

_____. Introdução Antonio Paim. 2. ed. São Paulo: Grijalbo. 1973. 578 p. (Estante do Pensamento Brasileiro).

_____. *Influência dos pântanos sobre o homem*. Salvador: Tipografia Liberal do Século, 1850. 32 p.

_____. *Investigações de Psicologia*. 2t., 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1973.

FRANCA, Leonel. *Noções de história da filosofia*. 14. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1955. p. 269-270.

FRANÇA, Mario Ferreira. Eduardo Ferreira França, médico e parlamentar do império. *Arquivos Brasileiros de Medicina Naval*, Rio de Janeiro, n. 47/48, p. 2665-3057. Jan./jul. 1953.

PAIM, Antonio. A vertente psicológica do ecletismo na obra de Eduardo Ferreira França. In :
_____. *A escola eclética*. Londrina: EDUEL, 1996. p. 271-309.

_____. *História das idéias filosóficas no Brasil*. 5. ed. Londrina: EDUEL, 1997.

PIZZINGA, Rodolfo Domenico. *A Doutrina Pantiteísta Segundo José Maria da Cunha Seixas*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho (tese de doutorado defendida e aprovada em 12 de Julho de 1988).

ROMERO, *Silvio*. *A filosofia no Brasil*. Porto Alegre: Tipografia de Deutsche Zeitung, 1878. p. 13-21.

_____. *Obra filosófica*. Introdução e seleção de Luis Washington Vita. Rio de Janeiro: J. Olympio/Editora da Universidade de São Paulo, 1969. p. 15-22.

SÁ Oliveira, Eduardo. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina, Concernente ao ano de 1942*. Salvador, 1992.

SEIXAS, Cunha. *Galeria de Ciências Contemporâneas*. Lisboa.

_____. *O Pantiteísmo na Arte*. Lisboa.

SILVA, Inocência Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870. t. 9, p. 162.

SOUZA, Antonio Loureiro de. *Baianos ilustres*. 3. ed. rev. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979. p. 51-52.

SOUZA, Francisco Martins de. Eduardo Ferreira França e a questão da liberdade. *Ciências humanas*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 14, p. 14-17. jul./set. 1980.

SOVERAL, Eduardo Abranches de. *Pensamento Luso-Brasileiro – Estudos e Ensaios*. 1 ed. Lisboa: Instituto Superior de Novas Profissões, 1996.

The Spiritualism Ethics of Cunha Seixas and Ferreira França

Abstract: Cunha Seixas was an important Portuguese philosopher. He was the creator of pantitheism – a dissidence of Krausism – panentheism – whose doctrine recognizes the presence of God in everywhere, and in everything. However, Cunha Seixas proposes that although God is in everywhere, God is not identified with the thing created. Seixas established a systematized form of thinking. Therefore, God is the source of all truth, all good, and all beauty, all order and harmony in the universe. In Eduardo Ferreira França thought, we can see a strong influence of the naturalism. Developed a hypothesis that man, in his inner attitudes, is determined by natural conditions, where he lives, there is a direct correlation between the predominant features of nutrition and health of environment – and the civilizations that humanity created. In politics, he realizes that the human freedom is not easily apprehended for naturalism questions. In his principal book, *Psychology Investigations*, he established the way to achieve the eclectic spiritualism, without forgetting the foundations of science and its methods.

Keywords: pantitheism; naturalism; eclecticism and ethics.

Data de registro: 20/05/2011

Data de aceite: 13/07/2011